

A importância do *streaming* para o documentário durante a pandemia da Covid-19: uma conversa com o cineasta Cristiano Burlan

The importance of streaming for documentary during the Covid-19 pandemic: a conversation with filmmaker Cristiano Burlan

La importancia de la transmisión para el documental durante la pandemia de Covid-19: una entrevista con el cineasta Cristiano Burlan

Urbano LEMOS JR¹
Vicente GOSCIOLA²

Resumo

A produção e a distribuição audiovisual foram seriamente comprometidas durante o período de isolamento decorrente das políticas de distanciamento social por causa da Covid-19. Com as salas de cinema fechadas, diversos realizadores tiveram que se adaptar e encontraram nas plataformas de transmissão a possibilidade de projetarem seus trabalhos. O streaming, que já se colocava como uma realidade para o cinema, assumiu protagonismo mostrando-se como uma alternativa com acesso gratuito; e distribuição mais democrática. A entrevista a seguir aponta para a importância do documentário no período da Covid-19 que encontrou no digital a sua permanência de representação do mundo em que vivemos. A conversa com o cineasta Cristiano Burlan traz os desafios em divulgar os filmes durante o período pandêmico e as possibilidades que os realizadores encontraram para que seus filmes fossem vistos e debatidos. Durante a entrevista, Burlan falou sobre a trilogia do luto, feminicídio e problemas sociais, temas bastante presentes nos seus filmes. Segundo o cineasta, por mais que haja uma motivação pessoal, o processo de criação se efetiva no encontro com o outro.

Palavras-chave: Cristiano Burlan; Entrevista; Documentário; Covid-19; Cinema de Conversação

¹ Doutor em Comunicação e Professor na Fundação Instituto de Ensino para Osasco (UniFieo). E-mail: urbano.lemos@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7197-5580>.

² Professor Titular da Universidade Anhembi Morumbi. Pós-doutor pela Universidade do Algarve-CIAC, Portugal. Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: vicentegosciola@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6267-8130>.



Abstract

Audiovisual production and distribution were seriously undermined during the period of isolation resulting from the policies of social distancing because of Covid-19. With movie theaters closed, several directors had to adapt and found on streaming platforms the possibility of projecting their work. The streaming, which was already a reality for cinema, took on a leading role, showing itself as an alternative with free access; and more democratic distribution. The following interview shows the importance of documentary in the Covid-19 period, which found in digital its permanence of representation of the world we live. The conversation with the filmmaker Cristiano Burlan brings up the challenges in promoting the films during the pandemic period and the possibilities that the filmmakers found so that their films could be seen and debated. During the interview, Burlan spoke about the trilogy of grief, femicide and social problems, themes that are very present in his films. According to the filmmaker, no matter how much personal motivation there is, the creation process takes place in the encounter with the other.

Keywords: Cristiano Burlan; Interview; Documentary; Covid-19; Conversation Cinema

Resumen

La producción y distribución audiovisual se vio seriamente comprometida durante el período de aislamiento derivado de las políticas de distanciamiento social a causa del Covid-19. Con las salas de cine cerradas, varios directores tuvieron que adaptarse y encontraron en las plataformas de streaming la posibilidad de proyectar su trabajo. El streaming, que ya era una realidad para el cine, tomó protagonismo mostrándose como una alternativa de libre acceso; y una distribución más democrática. La siguiente entrevista indica la importancia del documental en el período Covid-19, que encontró en lo digital su permanencia de representación del mundo en que vivimos. La conversación con el cineasta Cristiano Burlan plantea los desafíos en la promoción de las películas durante el período pandémico y las posibilidades que encontraron los realizadores para que sus películas fueran vistas y debatidas. Durante la entrevista, Burlan habló sobre la trilogía de duelo, feminicidio y problemas sociales, temas que están muy presentes en sus películas. Según el cineasta, por mucha motivación personal que haya, el proceso de creación se da en el encuentro con el otro.

Palabras clave: Cristiano Burlan; Entrevista; Documental; COVID-19; Cine de conversación

Cinema de conversação e conversão em período pandêmico

Se se trata de contar histórias, o primeiro dever do contador é o de conseguir que os ouvintes-espectadores acreditem nelas, por mais artificiais, malucas ou fantásticas que sejam. Se creio, embarco na canoa tão difamada da identificação-projeção, me emociono, quem sabe depois possa refletir sobre isso e extrair



novos conhecimentos mais amplos – Eduardo Coutinho (2013, p. 134)

O documentário é a representação do mundo em que vivemos (NICHOLS, 2012), um recorte por meio de imagens e sons sobre um determinado tema em que se pretende abordar, levando ao espectador informação e conhecimento. No entanto, para que essa representação seja realizada é necessário uma série de condições para a produção documentária. No período de isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19, muitos cineastas tiveram que reprogramar o fluxo de trabalho, adiando gravações e modificando as estratégias de divulgação de filmes anteriormente gravados.

Segundo Vinícius Andrade, a pandemia revolucionou de forma significativa o mercado de filmes. Até 2019, as grandes distribuidoras de filmes já tinham realizado um acordo com as exibidoras Cinemark, Cinépolis e AMC para lançarem os filmes em plataformas digitais de vídeo apenas 90 dias após o lançamento nos cinemas. Essa lógica de mercado funcionava como “um incentivo para o público sair de casa, comprar um ingresso, consumir pipoca, refrigerante e ter a experiência de acompanhar uma produção que só poderia ser assistida em seus dias” (ANDRADE, 2021).

No entanto, se a mudança na indústria cinematográfica já apontava para novos rumos com a possibilidade de exibição por meio da multiplicidade de telas através das plataformas de transmissão (*streaming*), a partir de 2020, com a pandemia da Covid-19, as distribuidoras e produtoras mais tradicionais optaram em estratégias para o lançamento híbrido, formatadas tanto para as salas de cinema quanto para as plataformas de transmissão (ANDRADE, 2021). Diante deste cenário, muitos realizadores tiveram que se readaptar à nova realidade buscando novos canais de distribuição cinematográfica.

O cineasta Cristiano Burlan foi um dos impactados, já que em 2019 tinha lançado três filmes: *Depois da Farsa* (BURLAN, LIMA, MACHADO, VALÉRIO, 2019), *Ensaio Sobre o Fracasso* (BURLAN, 2019) e *Batalha* (BURLAN, 2019). Além disso, ainda no início da pandemia da Covid-19, em fevereiro de 2020, o diretor encerrou as filmagens do longa-metragem *A Mãe* (BURLAN, 2020), protagonizado pela atriz Marcélia Cartaxo.

Uma das características presente na filmografia de Cristiano Burlan é que o cineasta parte do ponto de vista pessoal como um significativo recurso narrativo. O



documentarista e pesquisador chileno Patricio Guzmán (2017), ao tratar sobre a importância do documentário destaca que a partir de 1960, o gênero passou a mostrar mais que “geografias ou conflitos distantes”, mas também passou a observar e analisar qualquer aspecto da sociedade (GUZMÁN, 2017, p. 125). “Assim começou a se consolidar o chamado ‘documentário de autor’, que até hoje consiste em mostrar qualquer atividade humana, por mais simples que seja” (GUZMÁN, 2017, p. 125).

Segundo Guzmán, o documentário de autor consiste em um cinema mais humano e com maiores recursos narrativos. O pesquisador lembra ainda que nem sempre a técnica ou o valor disponível para a realização documentária são o mais importante, “mas sim a maneira de contar as histórias, expondo cada tema com maior sentido de relato e usando melhor a linguagem cinematográfica” (GUZMÁN, 2017, p. 125). A ideia de abordar histórias a partir do ponto de vista do autor é uma das marcas encontradas no trabalho de Burlan.

A filmografia de Cristiano Burlan contempla um total de 19 (dezenove) longas-metragens, sendo 10 (dez) documentários e 9 (nove) filmes de ficção. Um dos trabalhos mais importantes do cineasta é a trilogia do luto, que trata da trágica história que aconteceu com a sua família. O primeiro filme da série é *Construção* (BURLAN, 2006) e também foi a estreia do diretor gaúcho. O documentário mostra a vida cotidiano de trabalhadores da construção e presta uma homenagem a seu pai que era pedreiro. O filme é uma representação de um processo interno de reconstrução e se coloca como marca de futuros trabalhos do diretor.

Já no documentário *Mataram meu Irmão* (BURLAN, 2013), Cristiano Burlan retoma o luto e reconstitui o assassinato de seu irmão, Rafael Burlan da Silva. O filme parte de uma jornada para explorar os motivos do assassinato de seu irmão a partir de uma perspectiva pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva, já que mostra a violência e os problemas sociais de um bairro da periferia de São Paulo. O documentário foi o vencedor do Festival É Tudo Verdade de 2013 e, no mesmo ano, ganhou o prêmio do júri oficial e da crítica no 40º Festival Sesc de Melhores Filmes e o prêmio Governador do Estado de São Paulo para a Cultura.



Imagem 1: Cristiano Burlan na gravação de *Mataram meu Irmão* (2013)



Fonte: Produtora Bela Filmes

Em *Elegia de um Crime* (BURLAN, 2018), Burlan encerra a *trilogia do luto* ao tratar da morte de sua mãe em um assassinato ocorrido em 2011. O diretor retoma a ideia de contar a história de sua família em primeira pessoa, alternando com depoimentos de familiares. O filme traz a reconstrução da vida de Isabel Burlan da Silva ao mesmo tempo que trata sobre a impunidade do crime até hoje. No entanto, assim como os demais filmes, Burlan expõe seu drama para tratar sobre outros temas. O documentário propõe o debate em assuntos como o feminicídio no Brasil, problemas sociais, ética jornalística, justiça, entre outros. O filme estreou no Festival É Tudo Verdade de 2018.

A entrevista a seguir aborda um tema da maior importância nos tempos que correm. A pandemia atingiu, de forma danosa, quase todas as atividades produtivas, mas o setor artístico foi, talvez, o mais atingido. Concomitantemente, as plataformas de exibição de produtos audiovisuais, que já vinham experimentando um grande desenvolvimento no país, receberam um enorme impulso.

No entanto, se o cinema caminha cada vez mais para a conversão em plataformas digitais, por outro lado a essência para a concepção cinematográfica, em muitos casos, ainda é estabelecida por meio da conversação. O cineasta Eduardo Coutinho destacou durante uma entrevista concedida a José Carlos Avellar que o que importa no documentário é o encontro, e destaca que “o encontro é com pessoas, [...] nunca é com multidões” (AVELLAR, 2013, p. 274). Em uma carta-depoimento para



Paulo Paranaguá, Coutinho nomeou essa forma de trabalho como “cinema de conversação”, onde o que importa são histórias “de pessoas singulares mergulhadas na contingência da vida” (PARANAGUÁ, 2013, p. 16). Além disso, Eduardo Coutinho destacava ser necessário reduzir ao máximo, ou mesmo abolir a ideia de totalidade como resposta, como universo que interessa (AVELLAR, 2013). Essa ideia de tratar de um tema em particular por meio da conversação é uma das características do trabalho cinematográfico de Cristiano Burlan. Ao falar sobre projetos futuros, por exemplo, o cineasta destacou durante a entrevista que ao iniciar um projeto não faz ideia do que pode encontrar e que as coisas nascem “no ato de filmagem, no encontro com o outro e com o seu universo”.

Vale lembrar que, mesmo em filmes de ficção, Burlan realizou importantes trabalhos a partir da observação e do encontro com o outro. Dentre os filmes do gênero, destacamos a *Tetralogia em preto e branco*, com as produções: *Sinfonia de um Homem Só* (BURLAN, 2012), *Amador* (BURLAN, 2014), *Hamlet* (BURLAN, 2014) e *Fome* (BURLAN, 2015), esse último premiado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 2015. Os quatro filmes foram realizados em preto e branco e com poucos recursos. Segundo o diretor, os filmes foram gravados em menos de uma semana pela urgência em tratar temas como a solidão, o sentido da existência e a invisibilidade nas metrópoles. Além disso, Burlan venceu o prêmio especial do júri da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), em 2018 com o drama *Antes do Fim* (BURLAN, 2017). O filme contou com a atuação da atriz e cineasta Helena Ignez e do pesquisador Jean-Claude Bernardet. Em 2016, Cristiano escreveu o roteiro de *A Mãe* (BURLAN, 2016), ganhador do prêmio de coprodução internacional para participar do Cinélatino, Rencontres de Toulouse, na França. O filme tem estreia prevista para 2022, no Festival de Málaga, na Espanha.

Além de destacar a importância de democratizar o acesso aos filmes durante o período pandêmico, Cristiano Burlan ainda ressaltou durante a entrevista o aumento no número de casos de violência contra mulheres durante o isolamento social. O feminicídio é o tema principal do documentário *Elegia de um Crime* e alerta para a importância de denunciar cada vez mais crimes contra às mulheres no país. Segundo reportagem da Folha de S. Paulo, o Brasil registrou 1.338 mortes de mulheres na pandemia. Em relação a 2019, houve uma alta de 2% (BRAGON, 2021). Um dos casos mais emblemáticos aconteceu na cidade de Fortaleza e mostra por meio de vídeos gravados por câmera de segurança interna agressões de Iverson de Souza Araújo,



conhecido como DJ Ivis, a ex-mulher Pamella Holanda. O homem está detido na prisão de segurança máxima.

Durante a entrevista, Cristiano Burlan destacou ainda a estreia da série documental *Paulo Freire, um homem do mundo* (BURLAN, 2020), realizada em parceria com o SescTV. O cineasta assina a direção, a montagem e o roteiro da série com cinco episódios sobre o educador brasileiro. Burlan falou ainda sobre a importância do cinema documentário, da realização documentária e dos impactos no audiovisual decorrentes da Covid-19. Portanto, é extremamente oportuno conhecer aquilo que um cineasta de ficção e de documentário tem a dizer sobre este momento.

Revista Mídia e Cotidiano - Em 2019, você lançou dois documentários e um filme de ficção: *Depois da Farsa, Batalha e Ensaio Sobre o Fracasso*. Quais foram os desafios de divulgar os filmes durante o período da pandemia da Covid-19?

Cristiano Burlan - Esses três filmes não foram lançados comercialmente nos cinemas, mas participaram de festivais. Alguns filmes como *Elegia de um Crime, Mataram meu Irmão, Construção e Ensaio Sobre o Fracasso* estiveram no streaming do Sesc. Além disso, durante a pandemia participei do 15º Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo com o filme *Batalha*. Já o Festival É Tudo Verdade reprisou o *Mataram meu Irmão* dentro da programação do Ciclo Sesc/É Tudo Verdade.

Já era muito difícil lançar filmes comercialmente nas salas de cinema. No contexto de pandemia, tudo ficou ainda mais difícil diante do fechamento das salas e do represamento de muitos filmes para serem lançados. O caminho da exibição online foi indispensável no momento em que os cinemas estavam fechados ou parcialmente abertos, foi o caminho para desaguar os filmes que estavam represados. O interessante das exibições online é o aumento da abrangência de espectadores, que podem ser de várias partes do país e do mundo.

Revista Mídia e Cotidiano - O documentário *Elegia de um Crime*, lançado em 2018, trata do assassinato de sua mãe, Isabel Burlan da Silva, em 2011, pelo parceiro. O filme encerra a *trilogia do luto*, ao lado dos filmes *Construção* (2006) e *Mataram Meu Irmão* (2013). O documentário mescla fotografias de arquivo com depoimentos de seus familiares. Como foi realizar esse filme em primeira pessoa sobre algo tão sensível?



Cristiano Burlan - *Elegia de um Crime* foi o filme mais difícil da *trilogia do luto*. Não digo só por se tratar da minha mãe, mas eu não consegui escapar da necessidade de não estar diante da câmera. O filme é narrado em primeira pessoa, mas eu nunca quis encerrar num depoimento pessoal. Trata-se de um feminicídio em um país em que reina a impunidade, onde uma mulher é assassinada pelo próprio companheiro e violentada mesmo depois da morte, através da imprensa sensacionalista que ganha em cima dos corpos pobres.

Quando eu pensei em fazer o filme sobre a minha mãe, eu já tinha o desejo de falar sobre feminicídio. Por mais pessoal que o material fosse, sempre busquei encontrar reverberação para além da minha história. Há algo no assassinato da minha mãe que pode ser encontrado em muitos outros assassinatos de mulheres e isso era o que me norteava. Foi assim, também, nos outros filmes da *trilogia do luto*. Como falar de algo tão urgente por meio de um material pessoal? Desse modo, acredito que o filme não é só sobre minha mãe.

Durante o isolamento social decorrente da Covid-19, por exemplo, houve um aumento no número de mulheres que sofreram violência doméstica e, em muitos casos, até a morte. Esses dados são assustadores. É muito cruel se deparar com o fato de que as mulheres ficaram mais suscetíveis a agressões só pelo fato de estarem convivendo mais tempo com seus companheiros. Acredito que quanto mais falarmos neste tema, mais desnaturalizaremos a violência contra as mulheres e será mais fácil denunciar.

Imagem 2: Burlan ao lado da sua irmã em *Elegia de um Crime* (2018)



Fonte: Frame do documentário *Elegia de um Crime* (2018)

Revista Mídia e Cotidiano - No início do documentário *Elegia de um Crime* você destaca que “filmar pode ser muito violento”, ao se referir às imagens que foram veiculadas na TV de forma “inescrupulosa”, conforme destacado no filme. Em outro trecho, é mostrado uma matéria realizada na época por uma repórter de TV. Ao



terminar de assistir ela diz: “era sua mãe? Vou te responder como jornalista e como mulher [...] se você for se basear em Ibope, o povo quer ver”. Em junho de 2020, diversos vídeos mostraram o assassinato de Lázaro Barbosa por policiais militares em Águas Lindas de Goiás (GO). Ele estava sendo perseguido suspeito de matar uma família no Distrito Federal e por outros crimes em Goiás. Qual o limite para a produção e veiculação de imagens violentas no jornalismo e no cinema?

Cristiano Burlan - Me questiono sobre o desejo latente de produzir e consumir essas imagens, é uma roda que se alimenta da inescrupulosidade e da violência. O cinema não é jornalismo, mas a ética não deveria faltar em nenhum dos dois. Esse tipo de filmagem é um ato criminoso. Não poupa ninguém, não há ética, há apenas o desejo de comercializar e vender a crueldade, de ganhar em cima de corpos violentados, dentro da indústria do sensacionalismo. O sensacionalismo é perverso. Alimenta nossos desejos mais obscenos, ao passo que é também alimentado pela curiosidade e perversão de todos nós. É tentador fazer algo que rapidamente seja consumido e compartilhado, por isso imagens de acidentes, de pessoas mortas são vazadas e amplamente replicadas. É necessário ter ética diante das imagens que se produz e que se veicula. Eu mesmo já filmei coisas que nunca irei divulgar. É preciso compreender esse limite ético.

Imagem 3: Repórter de TV se encontra com o cineasta sete anos após reportagem



Fonte: Frame do documentário *Elegia de um Crime* (2018)

Revista Mídia e Cotidiano - Na atualidade, a possibilidade de produção e distribuição de forma digital facilitaram a realização de documentários. Como você analisa essa nova forma de realização e distribuição para o cinema documental?



Cristiano Burlan - As novas plataformas de streaming *possibilitaram* o surgimento de novas plateias, de novos públicos, de novos interesses. O desejo de todo realizador é que seu filme seja visto. Mas exibir nas salas de cinema não é uma realidade experimentada por todos os realizadores. Acredito que as plataformas têm muito a contribuir para a distribuição dos filmes. A produção digital barateou os custos e permitiu o surgimento de novos realizadores de filmes. A parceria com o Sesc sempre foi muito importante para os realizadores. Durante a pandemia, os filmes *Elegia de um Crime*, *Mataram meu Irmão*, *Construção* e *Ensaio Sobre o Fracasso* estiveram no Sesc Digital dentro da programação do Cinema em Casa com Sesc. Os filmes ficam disponíveis por um tempo limitado, o acesso é gratuito e isso democratiza bastante a distribuição. Quanto mais canais de distribuição, melhor. O que importa é que o filme seja visto e debatido, se ele encontra canais e janelas diversas, aumenta a distribuição e o público. O que nenhum realizador quer é ter o filme represado sem lugares para ser exibido.

Imagem 4: Divulgação dos filmes da *trilogia do luto* pelo streaming do Sesc



Fonte: Cinema em casa, Sesc Digital

Revista Mídia e Cotidiano - Durante a pandemia da Covid-19 você lançou uma série documental em parceria com o Sesc sobre Paulo Freire. Como foi essa produção?

Cristiano Burlan - A série *Paulo Freire, um homem do mundo* foi realizada antes da pandemia, mas foi lançada em março de 2020 e acabou sendo bastante acessada durante a pandemia. Esse projeto é antigo, realizei durante 2 anos as filmagens e a montagem, percorri algumas cidades e países em busca de relatos sobre a importância



de Paulo Freire para o Brasil e para o mundo. Entrevistei ex-alunos, familiares, amigos de trabalho, artistas e admiradores. A série está disponível na plataforma do Sesc digital.

Revista Mídia e Cotidiano - No final do documentário *Elegia de um Crime*, ao falar sobre justiça, você destaca que: “só consigo realizar filmes, essa é a minha vingança. A sua morte define a minha vida”. Deste modo, percebe-se que os filmes dirigidos por você partem de um problema para a realização documentária. Qual a importância do uso de dispositivos fílmicos nos seus filmes?

Cristiano Burlan - O dispositivo é fundamental para o filme, para encontrar a atmosfera, a abordagem, o roteiro, enfim, tudo. É através do dispositivo que o filme se estrutura. Além disso, o documentário sempre foi um gênero cinematográfico fundamental para registrar, apreender e refletir sobre nossa realidade. É um instrumento de precisão para entender e problematizar a sociedade. Em *Mataram meu Irmão*, parto da busca pelos ossos do meu irmão para construir o filme. É a partir do fato de que seus ossos podem nunca mais ser encontrados que busco tudo o que possa reconstruir sua memória. Em *Elegia de um Crime* parto da busca pelo assassino que está foragido. Já no filme *Construção*, o dispositivo é acompanhar um dia em um canteiro de obras. Apesar dos dispositivos, estou sempre muito aberto ao que encontro no percurso, às imagens de arquivo, às páginas do processo, às entrevistas. Os dispositivos nestes filmes me ajudam a dar um norte, a compreender o ponto de partida. Como se trata de filmes também pessoais, o dispositivo tira um pouco de mim e me coloca olhando para fora.

Revista Mídia e Cotidiano - A maior parte dos seus filmes foram realizados de forma independente. Como você analisa essa possibilidade de realização de documentários independentes no Brasil?

Cristiano Burlan - Todo realizador gostaria de ter seus projetos aprovados em leis e editais, mas infelizmente são poucos os que conseguem. Venho de uma realidade muito dura, não dava para esperar ganhar algum edital para realizar um filme, senão até hoje nunca teria feito nenhum. Há filmes que são tão urgentes, que precisam ser feitos agora, não há como esperar a burocracia do sistema, ainda mais quando ela privilegia



alguns realizadores. Os documentários independentes sempre existiram e vão existir, porque é a estratégia de muitos realizadores para poder seguir criando. Ainda que não seja a situação ideal, é a possível para muitos realizadores.

Revista Mídia e Cotidiano - Você acha que filmes, como os seus, realizados de forma independente e produzidos pouco antes do isolamento social, foram impactados pela pandemia, seja pela exibição ou pela divulgação?

Cristiano Burlan - Todos os filmes sofreram forte impacto. Os filmes menores, independentes, tiveram ainda mais dificuldade para encontrar parcerias e viabilizações. Todo realizador sonha em viajar com seu filme, discutir, ver ele projetado numa tela grande para uma casa cheia. Mas, com a pandemia, foi preciso abrir mão desses desejos para que os filmes encontrassem seus públicos, mesmo que virtualmente. O festival de cinema é o lugar que você conversa e conhece outros realizadores, articula parcerias. Esses anos sem festivais têm impactado nesse diálogo e na viabilização de novos projetos. Acredito que a multiplicidade de telas foi um dos diferenciais do período para o audiovisual.

Revista Mídia e Cotidiano - Durante a pandemia da Covid-19, muitos realizadores tiveram seus projetos adiados ou até mesmo cancelados. Como você lidou com essas restrições?

Cristiano Burlan - A pandemia foi muito dura para mim. Antes, criar sem recursos já era difícil; com a pandemia, ficou impossível. Não posso colocar os parceiros em situações de risco. Neste momento, a vida veio antes do cinema. Se eu tivesse recursos para filmar, testaria todo mundo, seguiria os protocolos, mas tudo isso é muito caro e para filmes independentes isso fica impossível. Prefiro não arriscar e enfrentei o maior tempo que fiquei sem pisar num set de filmagem.

Revista Mídia e Cotidiano - Além do cinema, você atua no teatro com a Companhia dos Infames. Qual a importância desse diálogo entre as artes?

Cristiano Burlan - Eu não sou dramaturgo, no teatro sou só diretor. O trânsito entre o teatro e o cinema sempre aconteceu na minha vida, eles se alimentam um do outro.



O teatro é minha morada, foi onde iniciei minha carreira. Meus últimos trabalhos no teatro foram dirigindo os espetáculos: *Música perfeita para o suicídio*, a partir da obra de Emil Cioran; *A vida dos homens infames*, a partir da obra homônima de Michel Foucault; e *Exercício de incerteza*, que tem a dramaturgia de Ana Carolina Marinho. O teatro e a relação direta com os atores, a encenação, a luz, o som, é um diálogo próximo com todo o processo criativo, e contribui imensamente para a formação do realizador. Na minha trajetória, o teatro foi, e ainda é, fundamental para a criação cinematográfica. Inclusive, em muitos dos meus filmes essa relação é ainda mais direta, como em *Hamlet*.

Revista Mídia e Cotidiano - Os seus filmes tratam de temas como violência, impunidade e problemas sociais. Para você, qual a contribuição do documentário ao tratar sobre essas temáticas?

Cristiano Burlan - O documentário é, também, um instrumento de denúncia, de reflexão, de colocar em perspectiva as coisas que acontecem no mundo. Acredito que é por meio dos documentários que muitos temas começam a ser pautados ou ganham visibilidade. Quando recebi o prêmio do governador com o filme *Mataram meu Irmão*, percebi que a violência policial era um tema que passou a ser debatido e enfrentado. Não acho que se iniciou com esse filme, ao contrário, há muito se denuncia, mas acredito que a visibilidade que o filme teve aumentou o debate. Quando vi este ano³ a notícia de que com a implementação de câmeras nos carros da ROTA, em São Paulo, a letalidade da polícia baixou para zero em um mês, eu comemorei. Acredito que a arte e os ativistas têm relevância nesta conquista.

Revista Mídia e Cotidiano - Muitas vezes, os documentários recorrem a encenação como elemento narrativo. Há limite entre documentário e ficção?

Cristiano Burlan - Há diferenças técnicas e narrativas entre documentário e ficção, mas essa linha é muito tênue. Faço filmes sem pensar na definição do gênero, isso acaba sendo algo que preciso definir para escrever em editais ou festivais. Não fiz qualquer documentário que se utilizasse deste recurso, mas admiro vários que usam.

³ Policiais da Rota passaram a usar câmera a partir do dia 03 de maio de 2021.



O curta *Adelaide, aqui não há segunda vez para o erro* (2020), realizado pela coletiva Arenga Filmes, que tem apoio da minha produtora, a Bela Filmes, se utiliza desta estratégia de encenação na montagem. O filme foi dirigido por Anna Zêpa e percorre os rastros deixados pela escritora falecida Adelaide Carraro. O documentário é construído todo em primeira pessoa, sendo a própria escritora quem busca e entrevista as pessoas.

Revista Mídia e Cotidiano - E quais são seus planos futuros como documentarista?

Cristiano Burlan - Durante as filmagens do *Elegia de um Crime*, com a confirmação de que eu sou adotado, me bateu um desejo de ir em busca dos meus pais biológicos. Esse é um dos projetos que está me perseguindo. A busca pelos meus pais biológicos inicia uma nova jornada, na qual parto da ausência total de informações. Não faço ideia do que posso vir a encontrar, se é que encontrarei algo. No ato de filmagem, no encontro com o outro e com o seu universo, muitas coisas nascem. Inclusive, novos desejos e curiosidades. Por isso, a importância da observação, não só do outro, mas de como determinado assunto ou situação mexe comigo e com a equipe.

Eu sempre soube que era adotado, ainda que ninguém nitidamente me dissesse isso. Nunca tinha aventado a possibilidade de fazer um filme sobre isso. Mas filmando o *Elegia de um Crime*, esse desejo veio forte, tanto pelo fato de como essa história foi sendo velada dentro da minha família, quanto por passar a sentir curiosidade ainda maior pelo meu passado. Quem são essas pessoas? O que fazem? Estão vivas? Talvez eu não encontre nenhuma informação, mas a ideia de buscar, de investigar, é o que hoje me estimula. Acredito que essa busca pelo desconhecido é a base do filme.

Por mais que eu parta de uma motivação pessoal, meu processo de criação se efetiva no encontro com o outro. A observação é fundamental não só no documentário, mas na ficção também. É preciso estar atento aos sinais da equipe, dos atores, às situações, aos diálogos que podem não funcionar e é preciso encontrar novos caminhos no set. É preciso ter a escuta atenta para permitir que os silêncios aconteçam. No documentário, vejo muitos realizadores não permitindo esse momento, interrompendo o silêncio do entrevistado na ansiedade em que ele responda uma nova pergunta. Esses silêncios são poderosos.



Referências

ANDRADE, Vinícius. Cinema ameaçado? Como a pandemia revolucionou o lançamento de filmes. **Notícias da TV – Mercado**. 02 de jan. 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/cinema-ameacado-como-pandemia-revolucionou-o-lancamento-de-filmes-48741?cpid=txt>. Acesso em: 02 ago. 2021.

AVELLAR, José Carlos. O vazio do quintal *In: Eduardo Coutinho*. OHATA, Milton (org.). São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 250-282.

BRAGON, Ranier. Brasil registra 1.338 feminicídios na pandemia, com forte alta no Norte e no Centro-Oeste. **Cotidiano. Folha de S. Paulo**, 06 de jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/06/brasil-registra-1338-feminicidios-na-pandemia-com-forte-alta-no-norte-e-no-centro-oeste.shtml>. Acesso em: 03 ago. 2021.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários**. Edições Sesc: São Paulo, 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus: Campinas, 2012.

PARANAGUÁ, Paulo. A verdade da filmagem. *In: Eduardo Coutinho*. OHATA, Milton (org.). São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 14-21.

* * *

Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.